

## A EPOPEIA DE MUCABA

(ANGOLA – 1961)

O caso de Mucaba foi glosado em vários tons, nos jornais da época, sob o impacto duma verificação extraordinária: um punhado de homens, em posições de defesa, na Capela da terra, resistiu a um ataque de milhares de terroristas, armados de espingardas, de canhangulos e de catanas. Como pano de fundo todos realçaram a novidade: pela primeira vez, desde a eclosão do flagelo, os terroristas saíram derrotados no campo de luta!

Predominava então a ardência dos sentidos, o entusiasmo pela causa, a exaltação dos feitos defensivos. A comoção provocada pelos defensores de Mucaba justificava os elogios, os aplausos, os louvores gerais. Mas o caso em foco foi sempre visto de fora para dentro, porque não era fácil ir mais além. Passados vinte e sete anos, e serenados os ânimos, regista-se aqui o acontecimento, com a fidelidade de quem o viveu intensamente como figura preponderante.

A versão que se segue é respigada dum relatório do Chefe do Posto, Hermínio Carvalho de Sena, que teve nas suas mãos a sorte dos habitantes da povoação de Mucaba. A noite de vinte e nove de Abril foi longa e tormentosa. Chefe do Posto e habitantes da povoação tiveram a vida por um fio. Nessa noite amargurada, foi o corolário dum martírio incessante, que se prolongou por muitos meses. Para uma melhor compreensão, registam-se os passos anteriores a ela, e também os que se sucederam.

A excitação nos povos do Norte de Angola começou muito antes de quinze de Março de 1961, data do rebentamento do terrorismo. A independência do antigo Congo Belga, ocorrida em Junho de 1960, acelerou nas populações fronteiriças o desejo de imitação. Por essa altura, quando o Chefe do Posto regressava do Posto de 31 de Janeiro, deparou com um movimento anormal, perto da Regedoria de Tolane, tida como de confiança.

O Regedor, todo ele alterado, mal responde às perguntas que lhe são feitas. Declara de motu próprio que "o Chefe do Posto será morto e ele, Regedor, será o Rei de Mucaba". Depois disto, várias diferenças começam a ser notadas: ordens do Chefe do Posto mal cumpridas, fugas de pessoal das fazendas de café, saídas exageradas de gente para o Congo ex-Belga. As suspeitas acumuladas levam o Chefe do Posto, de parceria com elementos da população, a organizarem um serviço de patrulhamento, desde o apagar das luzes até às cinco da manhã, que começa no dia catorze de Julho de 1960. Nesse dia chega a notícia de o Regedor Tolane ter abandonado a residência para se internar na mata.

O patrulhamento prossegue nos meses de Agosto, Setembro, Outubro, e entra pelo Novembro adentro. A treze deste mês, na deslocação do Chefe do Posto à Regedoria de Tolane, não encontra o Regedor, nem a Bandeira Nacional içada, como era costume aos domingos e dias feriados. No dia vinte e um realiza-se a cerimónia da transferência do Posto Administrativo do Mucaba, do Concelho da Damba para a jurisdição do Concelho do Songo, com a presença dos Administradores daqueles Concelhos, Autoridades tradicionais e elementos da povoação comercial.

Os meses de Dezembro de 1960 e Janeiro de 1961, passam sem manifestações hostis. No dia vinte e nove de Janeiro, o Chefe do Posto conferencia com os Sobas da região, tendo em vista os trabalhos para a construção duma picada destinada a ligar o Posto com o Songo, sede do Concelho. Os Sobas cumprem e a abertura da picada começa sem incidentes. O mês de Fevereiro é todo dedicado a esta tarefa, apesar de chegarem notícias do recrudescimento das fugas de pessoal das fazendas de café.

No domingo, doze de Março, o Chefe do Posto faz nova diligência à Regedoria de Tolane. Regista outra vez a ausência do Regedor, e da Bandeira Nacional no poste da Regedoria. Nas buscas efectuadas nada apura sobre o seu paradeiro. Dois dias depois volta a andar por vários povos, em serviço de fiscalização. Não regista distúrbios. Mas o ambiente observado é opressivo. Na volta à povoação decide activar o patrulhamento.

No dia quinze, o Chefe do Posto organiza uma patrulha, composta de civis, soldados com baixa e cipaio, que marcha sobre os povos de Uando, à procura do Regedor Tolane. Ninguém dá notícias dele. Pela tarde, informado por um comerciante, toma conhecimento das chacinas feitas no Quiteche, Aldeia Viçosa, Vista Alegre e fazendas de café na área do Uige. A fogueira que arde um tanto por todo o território não atinge Mucaba. No dia seguinte promove uma reunião com os comerciantes e pessoal do Posto, na qual dá conta da situação e, em conjunto, traçam uma linha de conduta.

Em consequência, melhoram os processos de fiscalização, ao mesmo tempo que os comerciantes tomam o compromisso de não venderem catanas, nem machados, facas e pregos. Entretanto, os trabalhos da construção da picada continuam em bom ritmo. Mas o Chefe do Posto, insatisfeito com o silêncio dos povos da sua área, no dia dezassete vai observar pessoalmente. Nada acontece de anormal. Todavia, continuam a chegar notícias de alastramento do terrorismo nas terras do Norte.

Como medida de precaução, no dia dezanove são evacuadas para Luanda, via Engage, as senhoras e as crianças, ficando só os homens. O serviço de vigilância é redobrado, com turnos de ronda, permanentes, dia e noite. Os elementos da população concentram-se em duas residências, uma em cada extremo da povoação.

A vinte e três, o chefe do Posto percorre a zona de Uando e não encontra nos povos nenhum Soba presente. Entretanto os trabalhos da picada chegam ao seu termo, e o Chefe do Posto segue por ela ao Songo, e dali a Carmona (Vige), aonde se inteira da gravidade dos acontecimentos. Em trinta e um de Março a picada é dada por concluída e o pessoal transferido para o Posto, em serviço de limpeza da povoação. Apesar dos acontecimentos o serviço decorre sem incidentes. A onze de Abril, o Chefe do Posto sai com o pessoal à picada Mucaba-Songo, a rectificar um troço de trânsito difícil.

No dia quinze são reforçadas as patrulhas e as rondas. A população dá sinais de cansaço, mas decidida a andar por diante com as tarefas de defesa. Como medida de precaução, o Chefe do Posto manda recolher ao Posto o pessoal em serviço nas fazendas de café, proprietários e empregados. No dia dezanove, utiliza o pessoal regressado da picada para começar a preparar uma pista de emergência para aterragem de aviões.

Ao anoitecer regressam as brigadas de fiscalização que haviam seguido para os lados do Uando, com dois feridos e um morto. Trazem recado dos sublevados que diz: "Esta terra é nossa! Não queremos Chefe do Posto. nem brancos!" No dia seguinte segue nova

diligência em busca do Regedor Tolane, em vão. Ninguém dá conta do seu paradeiro. A situação torna-se perigosa. Os amotinados da Serra, do lado do Posto do Bungo, atacam uma carrinha que se deslocava naquela área, em serviço de observação, com oito ocupantes. Resultado: dois feridos, e a viatura crivada de balas.

A situação é tensa, os meios de defesa escassos... O Chefe do Posto manda carta ao Administrador do Concelho do Songo a dar parte do acontecido e a pedir, mais uma vez, os reforços que nunca foram enviados, um emissor P- 19 e uma avioneta para evacuar os feridos. Pelos elementos capturados, sabe-se que há concentrações para ataque à povoação, à espera do "vento" que há-de vir do Congo ex-Belga para se lançarem ao assalto.

A população passa a concentrar-se toda numa só residência, durante a noite, em estado de alerta. O Chefe do Posto deixa a sua residência e junta-se à população para a luta que se aproxima. São poucas as armas para a defesa: algumas espingardas, de bala, e caçadeiras, umas poucas de pistolas e uma pistola metralhadora. As munições oscilam entre seis e sete mil tiros. A comunicação com o exterior faz-se mal, por se ter avariado o emissor P-19. As pessoas acusam um estado de mal-estar, ressentidas de tantas noites perdidas quase sem repouso.

Numa das constantes rusgas efectuadas nos povos, é capturado o Regedor Tolane que, antes de se entregar, destrói pelo fogo os documentos que tinha em seu poder. Ao interrogatório nada responde. Diz somente que "ele é dono da terra de Mucaba". No dia vinte e quatro de Abril o Chefe do Posto vai a Carmona (Uige) fazer a sua entrega à Administração daquele Concelho, e de outros sublevados capturados.

Das diligências efectuadas para melhorar o poder de fogo, não consegue senão seis caixas de cem cartuchos para caçadeira. Os dois enviados aos povos que não tinham regressado, aparecem à noite, feridos, um deles em estado grave. Dão a notícia de os terroristas terem matado as crianças mestiças que viviam nos povos. O Chefe do Posto, sem perda de tempo, vai ao povo Lunda e salva uma menina mestiça, de oito anos, que vivia com a mãe naquele povo, perto da povoação comercial.

Em vinte e cinco de Abril fica concluída a pista para aterragem de aviões. A prever a necessidade de utilizar a Capela como reduto de defesa, o pessoal disponível é aplicado na abertura dum fosso em sua volta, como nas fortalezas de outros tempos. Ao entardecer uma coluna mista, composta de militares e civis, proveniente do Engage, chega à povoação, depois de vencer inúmeros obstáculos postos na estrada pelos terroristas.

É portadora de algumas espingardas e munições, ajuda que é recebida com muito agrado. Fica-se a saber por ela que as estradas de ligação com o Posto de Mucaba se encontram todas cortadas. No dia vinte e seis vêem-se sinais luminosos toda a noite. Durante o dia engrossam as concentrações de gente. Agora as patrulhas estão limitadas à povoação, porque a saída para fora é perigosa.

Neste dia a Força Aérea, baseada no Engage, multiplica as suas acções na Serra de Mucaba e nas áreas limítrofes de Damba, 31 de Janeiro e Bungo. Na esperança de serem atendidos por algum dos aviões que sobrevoam a povoação, os defensores de Mucaba, com cal e tiras de pano crú, escrevem no chão a pedir socorro, porque há feridos para

evacuar e têm o P-19 avariado. Pela tarde aterra na pista, pela primeira vez, um avião "Dornier", pilotado pelo Tenente-aviador Negrão, que entrega um P-19 e correio. dá notícias. Confirma o facto de as estradas estarem cortadas e as concentrações dos sublevados em volta da povoação.

Em toda a noite ninguém dorme, com a preocupação do ataque que possa ser desencadeado dum momento para outro. Pela manhã apresentam-se três nativos, do povo perto da povoação, serventes dum comerciante. feridos. um deles em estado grave. Dão a notícia de os terroristas terem matado o Soba do povo Lunda, por não querer aderir à rebelião. Notícias captadas do Posto de 31 de Janeiro, dão como certo o ataque ao Posto de Lucunga, e confirmam o desaparecimento do Chefe do Posto, caboverdiano. Manuel Coutinho.

A população exausta, em estado de desespero, decide abandonar a povoação. e começa a atirar para as carrinhas as coisas necessárias à viagem. O chefe do Posto, revestido de paciência, pede-lhes que suspendam o gesto e fala-lhes ao coração: "Sempre que precisastes de mim nunca deixei de estar convosco e de vos ajudar. Houve sempre entre nós um verdadeiro espírito de camaradagem..."

Com este intróito entreolham-se. O Chefe do Posto prossegue: "Na hora presente dá-se precisamente o contrário. Eu é que preciso de vós, do vosso apoio e colaboração, porque sozinho nada poderei fazer aqui senão aguardar que os rebeldes me matem. Eu não abandonarei nem o Posto nem a população que me foram entregues, e o mínimo que me poderá acontecer é ser chacinado como o foi o meu colega do Posto de Lucunga!..."

Os rostos dos comerciantes dão sinal de comoção. O Chefe do Posto continua: "Qualquer saída nesta altura, com as estradas cortadas e inutilizadas. seria um autêntico suicídio!..." Um deles contestou: "Ficar para quê? Para morrermos todos? A nossa resposta é não!" O Chefe do Posto insiste: "Vamos defender-nos dentro da Capela, numa força unida, em verdadeiro espírito de camaradagem, lutarmos até ao fim, em defesa das nossas vidas e desta terra de Mucaba!"

Eles hesitam. Por fim decidem ficar. Lançam-se então, todos, na preparação da Capela, a fazer do seu interior uma fortaleza. Carreiam para lá todo o preciso. como alimentos de consumo imediato, pão, conservas, água, vinho. medicamentos, fósforos, velas, colchões, cobertores, e tudo quanto lhes parece indispensável.

Como complemento armam barricadas e andaimos em volta das paredes, e preparam-se para aguentar a borrasca que se aproxima. No dia 'm(e e oiro passam novamente a noite em claro. No arraial terrorista persistem os sinais luminosos, que prenunciam acção iminente. E os reforços, pedidos com insistência, nada de chegarem!...

Vinte e nove de Abril é um dia sem fim para os defensores de Mucaba, enclausurados na Capela da povoação. A excitação começa de manhã, com a movimentação dos sublevados, que avançam em grandes grupos. Acabam-se as dúvidas. O momento do embate aproxima-se. Avistam-se já os primeiros grupos entre cinco e sete quilómetros. O Chefe do Posto, sob pressão, expede uma mensagem ao Governador do Distrito a dizer:

*- Tenho honra informar V.Ex.<sup>a</sup> durante dia e noite ontem foram avistados sinais terroristas concentrados volta população pelo que população se manteve sempre firme vigilância ponto Qualquer pessoa indígena ou não homem ou mulher sai povoação é logo caçada e espancada ou morta ponto Os trinta defensores povoação estão reunidos edifício Capela não podendo sair qualquer lado virtude todas vias comunicação cortadas ponto Peço licença para lembrar V.Ex.<sup>a</sup> que esta população não é digna de ser abandonada à mercê da sorte porquanto ela deu sobejas provas patriotismo e coragem sempre vigilante dia e noite já vai para dois meses ponto Estamos fisicamente baixa forma pouco mais podendo fazer a manter-se esta situação ponto Se reforços muitas vezes pedidos não forem enviados já virgula amanhã ou depois será tarde ponto.*

Pelas quinze horas aparece um avião no ar, "Dornier" que faz sinais de querer aterrar. As condições atmosféricas são péssimas. Mas o Tenente-aviador Negrão, apesar do perigo, faz-se à pista e pousa sem novidade. A avioneta traz um furriel, com uma pistola metralhadora, e um soldado com uma espingarda. Nada mais!... Pouco depois aparecem mais duas avionetas, que não aterram por causa das más condições do tempo. Estas avionetas transportavam elementos duma secção militar com as respectivas armas e munições... Pouca sorte!...

Cerca das dezassete horas uma avioneta, pilotada pelo engenheiro Pereira Caldas, sobrevoa a povoação e lança garrafa contendo mensagem que diz ter avistado grupos de terroristas armados, cerca de cinco quilómetros a caminho da povoação. Os defensores de Mucaba correm e encerram-se na Capela. Para melhor compreensão do que se passa no exterior, organizam uma patrulha, formada por duas viaturas, levando cada uma oito ocupantes. Numa vai um soldado e na outra um furriel e um soldado.

Sob o comando do furriel Demony Vieira, as viaturas marcham ao encontro do inimigo. Não tarda a dar-se o desastre. A viatura da frente cai numa cilada e sofre um violento ataque, do qual resulta a chacina de cinco ocupantes. A outra escapa por milagre. O condutor revestido de sangue frio, retira de marcha atrás e chega ileso à povoação com os sobreviventes. Agora os campos estão extremados. Nada mais há a fazer senão a defesa das suas vidas. O soldado que havia sido capturado pelos amotinados consegue fugir e apresenta-se na Capela. Entra por uma janela, em escada que lhe é lançada de dentro.

Metidos todos na Capela, estão agora de portas trancadas, posições tomadas e nervos tensos. Pelas dezassete horas e meia os sublevados iniciam o ataque, ao som de cânticos guerreiros e guinchos arrepiantes. Vozes de comando incitam: "Não tenham medo!... As balas dos brancos são como água!... Não matam!..." Trocam-se tiros entre atacantes e defensores. A luta ganha intensidade e entra pela noite adentro. Com o receio de esgotarem as munições os defensores abrandam o ritmo do fogo. De olhar atento, apontam com maior eficácia.

As luzes da rua, acesas, permitem ver os movimentos do inimigo. Na Capela para reduzir a visibilidade, acendem-se apenas duas velas. Os defensores, fora de si dão sinais de ânimos exaltados. No auge do combate há quem reze!... Cada um evoca o Santo da sua devoção!... Pelo emissor P-19 o Chefe do Posto lança para o ar pedidos de socorro: "Não dispomos de recursos para resistir' Durante muito tempo ninguém dá sinal de entendido. Só a partir das vinte e duas horas chegam algumas respostas:

"Aguentem, tenham coragem!..."

A voz da Capela repete os apelos: "As nossas munições estão quase no fim!... Mandem-nos aviões!... Eles são muitos!... Parece nascerem do chão!... As nossas vidas estão em perigo!... Já não aguentamos mais!... Ajudem-nos!..." O ambiente é infernal!... Os aviões roncavam no ar mas não conseguem vencer a cortina de nevoeiro. Pela madrugada dá-se uma baixa entre os defensores. Eugénio Veríssimo sucumbe, atingido por carga mortífera. A comoção abate por momentos os ânimos, que depressa se recompõem. O tiroteio prossegue, intenso!... No extremo do desespero, o tempo parece que não anda!...

Para cúmulo, a bateria do P-19, descarregada, não permite a comunicação com o exterior... Só a intervalos regulados dá para emitir mensagens curtas! "Pedimos socorro!... O inimigo está a aproximar-se!... Só lhe falta atingir as portas da Capela!..." Chegam palavras de alento, de todos os lados. Santo António do Zaire anima: "Aguentem até chegar a Força Aérea já em marcha." Outras vozes acodem com palavras de amizade e de solidariedade. Roncam aviões no ar, que não actuam porque a densidade do nevoeiro não deixa ver nada.

Os defensores estão exaustos. Não comem há muito tempo, não dormem. não têm um momento de pausa!... Pela madrugada põem uma mensagem no ar que julgam ser a última, dirigida a todos quantos os têm acompanhado no transe por que estão passando: "Estamos irremediavelmente perdidos!... Já não temos munições!... O inimigo está próximo das portas da Capela!... Vamos morrer!... Mas combateremos até à última gota de sangue!... Salvem-nos por amor de Deus!..."

De fora não cessam as palavras de estímulo, que nada adiantam. A situação é trágica!... O P-19 entra em descanso para não esgotar a fraca carga da bateria!... A resistência enfraquece!... Não há munições!... O inimigo entusiasma-se com a vitória que tem nas mãos. Destaca elementos que, às corridas, vão buscar bebidas às casas comerciais. Na volta exibem-se com gritarias estrondosas. Agora atacam em força, com armas de bala, canhangulos e até com pedras!...

Os resistentes, pelas seis da manhã, experimentam o P-19. Lançam no ar o derradeiro apelo: "Já não há munições!... Só nos resta combater à baioneta se o inimigo arrombar as portas da Capela!... Morrer ou sobreviver é a sorte que nos espera!..." Tomam entre si uma resolução extrema: para não caírem vivos nas mãos do inimigo, dispõem-se a morrer, sim, mas abatidos pelas armas que reservam para o efeito!...

Pouco depois o avião PV-2, comandado pelo Tenente-Coronel Diogo Neto, Comandante do Grupo Operacional do B.A-9, rompe a cortina de nevoeiro e faz vôo rasante em volta da Capela!... Sobre os terroristas lança bombas e metralha, e persegue-os, em fuga, pela estrada além!... Esta acção, providencial, levanta o ânimo dos resistentes!... Os homens de Mucaba estão salvos!... Dos seus corações brotam hinos de alegria!... Nos rostos há sinais de comoção!... E, aliviados e maravilhados, reentram na vida, que já tinham por perdida!...

E para que a Capela não seja bombardeada, na persuasão de que tenha caído em poder dos terroristas, os resistentes destelham um canto da cobertura, e com pano branco, dão sinais de ainda estarem vivos. Por algum tempo conservam-se na Capela, à

espera que haja a certeza de não existirem terroristas à espreita. Na rua principal surge a figura do cozinheiro do Posto, Viegas, de braços levantados, em corrida para a Capela. Teve noite tormentosa, com as duas mulheres e filhos, a tremerem de medo.

Entra mais um mestiço, carpinteiro, com menina de três anos ao colo, baleada pelo inimigo, que falece pouco depois. E chegou o momento de saírem!... Os resistentes abrem as portas da Capela!... Comovidos, voltam enfim a pisar terra chã!... Persiste ainda na mente o pesadelo da noite longa!... Sentem ainda no corpo o desgaste da corrosão!...

No seu íntimo conservam o historial de meses consecutivos de sobressaltos, de vigílias, de noites mal dormidas!... A tormenta passou!... Que seja glorificado o Tenente-Coronel Diogo Neto, o salvador, o que se sujeitou a perder a vida para salvar a dos resistentes!... Eles estão salvos, depois duma fogueira de tantas horas, a balancearem entre a vida e a morte!... Agora estão ali, emocionados, a respirar o ar da felicidade!...

Os que tinham ficado de fora, e escaparam, juntam-se a eles. Não aparece o cabo dos cipaíos, chacinado, por ter deixado o esconderijo inicial para ficar nas dependências do Posto. Os resistentes correm ao local mas não encontram senão fragmentos: pernas para um lado, braços para outro, corpo espezinhado, cabeça esborrachada!... A marca odiosa do terrorismo....

Pelas treze horas vários aviões sobrevoam a povoação. Algumas avionetas aterram. Desembarcam jornalistas, fotógrafos e visitantes. Querem ver os resistentes. Querem ouvi-los, fotografá-los, abraçá-los... Do Governador-Geral de Angola chega uma mensagem do teor seguinte:

*Acabais de praticar um dos mais belos feitos da nossa História ponto Angola inteira recordará os heróis civis e militares de Mucaba e venerará sempre a memória dos que tombaram no campo da honra ponto Viva Portugal ponto.*

*Governador*

O dia vinte é de encantamento para os resistentes de Mucaba. Atordoados, semi-inconscientes, com o lance dilemático de matar para não morrer, a pesar na mente, passam as primeiras horas fora de si. Deambulam sem itinerário, revêem os lugares por onde andaram, localizam os estragos feitos pelos terroristas, tudo isto sem destino nem objectivo. Parecem uns estranhos em meio estranho!... Pelas dezassete horas chega uma coluna mista de militares e civis, proveniente do Engage, com os socorros!...

Só agora porquê? A coluna teve a sua odisseia!... Os seus componentes devem ser glorificados, como campeões da coragem e da determinação! Os trabalhos por que passaram!... Luta para removerem os obstáculos postos na estrada, luta para se defenderem contra os ataques dos terroristas luta para trabalharem sem luzes!... Um inferno de dificuldades, de impedimentos. de contrariedades!... Foi precisa muita firmeza e força de vontade para avançarem até ao destino! As baixas sofridas dão uma ideia da violência do fogo: três mortos e dois feridos, evacuados todos de avião para Luanda.

Os reforços militares recebidos aliviam a tensão dos resistentes. As munições de boca despertam o apetite e quebram o jejum que vem do dia anterior. Entretanto chegam mais mensagens, mais visitantes, com palavras de amizade, de admiração, de solidariedade... Os resistentes despertam para a vida, aplaudidos, enaltecidos, acarinhados. Ao entardecer, com a presença do Redactor do Jornal do Congo, Sousa e Costa, levam a enterrar, nas traseiras da Capela, os companheiros de luta: Eugénio da Saudade Veríssimo, António da Costa Fernandes, Luís Ribeiro e Sebastião Malungo, e ainda a menor de três anos.

O mês de Maio prenuncia melhor resposta para os ataques esperados. Os militares presentes, com armas e munições, reforçam o espaço de segurança. Na povoação mantém-se o estado de vigilância e o patrulhamento da área periférica. Descobre-se então uma novidade: a pouca distância da Capela encontram-se recipientes com gasolina e petróleo, que os terroristas destinariam a incendiar a Capela. Estes combustíveis, e mais os que existiam nos armazéns da povoação, são enterrados em valas abertas perto da Capela. Agora é um soldado nativo, recuperado, que chega e dá notícia de os terroristas estarem a preparar um novo ataque, com maiores efectivos. Para os receber condignamente o alferes Sousa e Silva pede da Base o envio duma metralhadora MATSEM e munições. Do exterior continuam a chegar manifestações de simpatia e de apoio. Uma avioneta da Empresa de Cobre de Angola lança em pára-quedas, bacalhau, mariscos e bebidas, com uma mensagem a dizer:

*Caro Sena dois pontos É o teu patricio Edgar Vahnon que daqui do avião renova os seus votos de muita admiração pela coragem e indómita bravura de que destes mostras. Teu pai - velho Henrique Sena - ficaria bem orgulhoso. Abraço e até breve ponto.*

As iguarias caídas do céu lembram aos resistentes os alimentos que têm na Capela. Como corolário, confeccionam uma refeição de festa. Depois, promovem o enterramento dos inúmeros terroristas mortos na refrega. E a vida retoma o seu curso natural. Seguem-se dias de expectativa, à espera do anunciado ataque. Os resistentes passam o dia na rua. Ao anoitecer recolhem à Capela, onde continuam com o serviço de alerta, agora beneficiado com treze militares armados de pistolas-metralhadoras.

No dia dez de Maio os terroristas desencadeiam o ataque, pelas três e meia da manhã. A neblina que escurece o espaço favorece o seu avanço. Só puderam ser vistos muito próximo da Capela. O fogo nutrido com que são recebidos surpreende-os. Põe-nos em fuga desordenada, sem tempo para levarem os dez mortos que deixam no chão. Na debandada, vingam-se, raivosos, derrubando a antena do emissor P-19, arrombando residências e estabelecimentos comerciais. Se o plano era o de lançar fogo à população, ficou gorado. Não encontraram o combustível com que contavam. A este revés inesperado junta-se Outro, o da Força Aérea que intervém, vigorosamente e desenvolve grande actividade em volta da povoação.

No dia treze de Maio, a pedido da população, cansada de tanto sofrimento, o Chefe do Posto expede uma mensagem ao Governador do Distrito, a agradecer todas as providências tomadas para a defesa de Mucaba, e a pedir que lhes sejam facultados meios para defenderem os seus haveres, pedindo também o regresso às suas casas dos habitantes de Mucaba ausentes em Luanda.

Nos rostos dos resistentes há sinais de debilidade. As apreensões sem conta, as pressões da luta, as noites de vigília, a insuficiência alimentar, tudo isto corroe as energias e seca as fontes da vitalidade. Os sublevados, por seu lado, não desistem. Mantêm o cerco à povoação e a ameaça de invasão. A situação de perigo leva o Chefe do Posto a enviar ao Governador do Distrito a mensagem seguinte:

*Informo V.Ex.<sup>a</sup> população civil exausta precisa repouso pelo que necessário se torna envio urgente mais tropa virtude a existente ser insuficiente defesa povoação ponto Situação agrava-se momento a momento pois terroristas concentrados já muito próximo ponto.*

Apesar dos desaires sofridos o inimigo persiste na sua luta. Não se vislumbra trégua próxima. Pelo contrário, reagrupa-se e prepara novas investidas. Para os resistentes é o estado de tensão que se prolonga. No dia dezasseis enviam nova mensagem ao Governador do Distrito a dizer:

*Informa-se ter sido proveitosa a acção aérea aqui desenvolvida ontem pelos bombeiros e avião Aéro-Clube de Carmona ponto Agradecemos providenciar remessa urgente gasóleo pois existência só para seis dias ponro.*

No dia seguinte os resistentes manifestam a sua preocupação pelo estado de depauperamento em que se encontram. O Chefe do Posto em nome deles envia ao Governador do Distrito a mensagem do seguinte teor:

*Vencida já mais uma fase difícil da nossa vida na defesa deste rincão bem português e melhorada em parte nossa situação com a presença de militares ousou fazer a Sexa Governador Geral por intermédio Vossa Excelência o pedido seguinte dois pontos De entre os valorosos e destemidos portugueses que me acompanharam corajosa e incansavelmente na defesa de Mucaba contam-se onze casais cujas esposas tal como acontece com a do signatário se encontram ausentes em Luanda desde dezassete de Maio último aflitos com corações amargurados devido não só acontecimentos desenrolados como também e principalmente pelos boatos que circulam Luanda ponto Não deixaria de ser justa recompensa proporcionar a esses heróis que me ajudaram a oportunidade de abraçar as esposas e os filhos para o que o Governo lhes facilitaria uma ida a Luanda por quatro ou cinco dias incluindo um dia para ido outro para regresso garantindo-lhes a viagem também por via aérea ponto No caso de ser possível satisfação pedido poderiam seguir em grupo de três ou quatro de cada vez não sendo de permitir que grupo seguinte saísse sem primeiro regressar o anterior ponto.*

A satisfação dada ao pedido permite a saída dos primeiros resistentes em menos duma semana. Gratos por se sentirem acarinhados pelas Autoridades Superiores, transmitem para Luanda, com pedido para ser radiodifundido pelas emissoras da Província, a mensagem seguinte:

*População Mucaba representada pelo Chefe do Posto Hermínio Carvalho de Sena expressa através da rádio o seu eterno e muito sincero reconhecimento a todos os que acompanharam e com ela sofreram e se lhes dirigiram em cartas telegramas e até ofertas nas horas amargas difíceis e inesquecíveis na sua epopeia ponto.*

O dia dezoito é assinalado com uma surpresa agradável para o Chefe do Posto. O avião do Aéro-Clube de Carmona (Uige) aterra na pista e trás a bordo o Chefe do Posto Menezes para substituição. A sua chamada a Luanda tem por fim a condecoração com a medalha de ouro de Serviços Distintos e Relevantes no Ultramar, e a promoção por distinção à categoria de Administrador de Circunscrição de terceira classe.

A justiça mais que merecida, sensibiliza o Chefe do Posto Sena, que não consegue dominar a comoção que o invade. Ele esperaria, no seu íntimo, alguma coisa no género, em reconhecimento ao esforço dispendido, superior à capacidade humana de resistência, mas sem tempo definido. Chega, afinal no momento exacto em que já sente, também ele, o desgaste inelutável da erosão. Bem-haja a providência oportuna, que proporciona o prémio certo no tempo certo!...

Pela tarde, ele abraça os companheiros da desdita, um a um, e segue a cumprir o seu destino. Em Luanda, em meio de festas, de aplausos, de louvores, de honrarias, não se esquece dos seus companheiros de luta. Conserva-os bem na memória e envia-lhes a mensagem seguinte:

Gloriosa população Mucaba cuidado Chefe do Posto - Nesta hora inesquecível em que sou alvo vibrantes manifestações simpatia ponho em vós o meu pensamento endossando integralmente todas homenagens que são mais vossas que minhas pois sem vós a epopeia de Mucaba não seria um facto ponto Afectuosos abraços ponto.

Seguido o relatório fielmente, nos passos afectos ao caso de Mucaba, seria um acto de mau gosto acrescentar seja o que for ao texto original. Por fim resta saudar o Homem determinado que fez das fraquezas forças, e puxou dos resistentes até ao ganho da batalha. O Chefe do Posto, medalha de ouro, promovido a Administrador de Circunscrição, Hermínio Carvalho de Sena.

## RELAÇÃO DOS DEFENSORES DE MUCABA

- 1- Abel Arlindo Vicente
- 2- Abílio Dias
- 3- Adelino Afonso
- 4- Alexandre Luiz
- 5- António Nunes Jerónimo
- 6 - António Nunes Medeiros
- 7 - António dos Santos
- 8- António Serafim Bráz

- 9- Artur Moutinho Sequeira - *Ferido no 1º encontro na estrada.*
- 10- Cláudio de Almeida - *Morto no 1º encontro na estrada.*
- 11 - Domingos José Bráz
- 12- Eduardo Teixeira
- 13 - Eugénio da Saudade Veríssimo - *Morto durante o ataque na Capela*
- 14- Fernando Ribeiro Dias
- 15 - Francisco Alves de Pinho
- 16- Hermínio Carvalho de Sena
- 17- João Carvalho
- 18 - João Medeiros Jerónimo
- 19 - Joaquim Silvestre
- 20- Joaquim Dias
- 21 - Joaquim da Silva Ramos - *Morto no 1º encontro na estrada.*
- 22 - Jorge de Oliveira
- 23 - Jorge de Meio Pereira
- 24 - José Alves Moreira - *Morto no 1º encontro na estrada.*
- 25 - José Dias Duque
- 26 - José Dias Fernandes
- 27 - José Baptista - *Morto no 1º encontro na estrada.*
- 28 - José Martins Aguiar
- 29 - José Nunes Jerónimo
- 30 - José Meio Morais
- 31 - Laurindo Teixeira Cunha
- 32- Manuel António Farinha
- 33 - Manuel de Oliveira

34- Mário Jerónimo

35 - Mário de Oliveira

36- Mário Teixeira

37 - Ramiro Augusto Moreno

38 - Raúl Dias

39- Silvino Alves

40 - Sargento Demony Vieira - *Ferido no 1º encontro na estrada.*

41 - Teófilo de Almeida

42 - Cabo de Cipaio - *Morto nas instalações do Posto durante o ataque.*

43 – 1º Cabo Africano - *Dado como desaparecido no 1º encontro na estrada, apresentou-se mais tarde.*

44 - Viegas - *Cozinheiro do Posto.*

*Do Relatório do Chefe do Posto Sena*